

CORPO CONTEMPORÂNEO E EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: REFLEXÕES SOBRE CORPOREIDADE A PARTIR DAS PERSPECTIVAS DE PIERRE BOURDIEU E MICHEL FOUCAULT

Eixo Temático: 1- Educação Integral, Currículo e Práticas Pedagógicas

Fabiano Romero Veiga¹,
José Antonio Dias²

RESUMO

O artigo discute a corporeidade como construção social a partir de Bourdieu e Foucault, articulando conceitos de *habitus*, capital físico, disciplinamento e saber-poder ao contexto da educação em tempo integral. Analisa como a ampliação da jornada escolar, mediante práticas corporais, pode tanto aprofundar o disciplinamento dos corpos quanto possibilitar às classes populares o acúmulo de capital físico historicamente restrito às elites, situando a educação integral entre reprodução social e potencial emancipatório.

Palavras-chave: Corporeidade. *Habitus*. capital físico. Disciplinamento. Educação em Tempo Integral.

INTRODUÇÃO:

É possível pensar o corpo para além do elemento biológico. Desde meados do século XX as ciências sociais têm demonstrado que o corpo é, também, uma construção histórica e social, atravessado com relações de saber-poder, hierarquia de classe e normas de classe. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a corporeidade no contexto da educação em tempo integral a partir das perspectivas teóricas de Pierre Bourdieu e Michel Foucault, analisando como os conceitos de *habitus*, capital físico, disciplinamento e saber-poder contribuem para a compreensão do corpo como construção social e histórica.

MATERIAIS E MÉTODOS OU METODOLOGIA:

Ciente que é uma pesquisa em andamento, adota-se uma abordagem teórico-bibliográfica de natureza qualitativa, de modo que esse tipo de pesquisa se evidencia por meio de uma relação os sujeitos e o mundo real para além dos significados quantificados. Sendo uma interpretação dos fenômenos (MENEZES; SILVA, 2005). Fundamenta-se na revisão e análise crítica da literatura especializada, articulando os referenciais dos dois autores com produções acadêmicas sobre educação em tempo integral e práticas corporais escolares, a fim de empreender uma reflexão analítica sobre as implicações dessas categorias conceituais para propostas educativas voltadas ao fomento das corporeidades, especialmente de estudantes das classes

¹ Doutorando em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade do Planalto Catarinense), e-mail: fabiano.romero@uniplaclages.edu.br. Professor de educação física da Rede Pública de Educação de Lages, SC; Docente do Centro Universitário Unifacvest.

² Doutorando em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação/ Universidade do Planalto Catarinense), e-mail: joseantoniodias@uniplaclages.edu.br. Professor de geografia da Rede Pública de Educação de Lages, SC.

populares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Ao longo da História ocidental que se evidencia, entre outros aspectos, uma secundarização do corpo, fruto de uma racionalidade e de uma instrumentalidade do corpo em relação à alma e a razão, o que leva a um engendramento de novos paradigmas em relação às reflexões sobre corpo apenas mais tardiamente pelo questionamento da obra de alguns pensadores, entre eles cita-se as perspectivas teóricas de Pierre Bourdieu e Michel Foucault. Em Bourdieu, temos um arcabouço conceitual robusto para compreender a corporeidade como um espaço de inscrição social (BOURDIEU, 2009). Pela perspectiva foucaultiana, o corpo é um elemento primordial para a compreensão de dispositivos de saber-poder em âmbito disciplinar e de biopolítica. (FOUCAULT, 2008).

Corpo, como elemento central de diversas correntes epistemológicas entre a modernidade e a contemporaneidade, é uma categoria que objetiva um campo de reflexões para propostas educacionais diversas, como políticas públicas voltadas à implementação de educação em tempo integral no espaço das escolas. Em geral, como lócus de análise, têm-se observado programas e projetos de tempo integral que visam desenvolver a dimensão corpórea de estudantes sob um olhar de integralidade, unidade, em detrimento de concepções fragmentadas de educação, em suma, o desenvolvimento das corporeidades.

O exercício de uma corporeidade acontece a partir de uma leitura como derivação de corpo. Etimologicamente a palavra corporeidade é a tradução literal do termo latino *corporalitas*, que, por sua vez, deriva de *corpus* – oris. Em outras palavras, esse conceito provém de uma definição mais ampla e abstrata de corpo, de ser corpóreo, como herança do pensamento grego que aparece, doravante, nos conceitos de *soma* ou *somático*. Na concepção dos gregos, *soma* designa o que é material, especialmente em relação ao homem, em oposição ao sentido atribuído à psique ou o psíquico. As culturas latinas e cristãs reforçaram essas concepções de modo a entender como *corporalitas*, como o que é de natureza material, ou algo relacionado a materialidade, que se caracteriza radicalmente em oposição a espiritualidade. Desse modo, é material porque é algo que se manifesta como corpo. (SANTIN, 2005). Portanto, apresenta-se nesse texto alguns aspectos das obras de Bourdieu e Foucault sobre corpo, como meio de reflexão, na atualidade, sobre propostas educativas em tempo integral para o fomento às corporeidades.

A saber, as categorias *habitus*, *hexis* corporal e capital físico constituem ferramentas analíticas centrais para revelar como classes sociais distintas incorporam, literalmente, suas posições na estrutura social (WACQUANT, 2002; BOURDIEU, 2011). Ou seja, as condições dos agentes sociais quanto sua posição dentro das diferentes classes se manifesta nos corpos desses agentes.

O *Habitus* é o sistema de disposições duráveis e transponíveis, adquiridas pelo indivíduo ao longo de sua trajetória social, sobretudo na socialização na infância, e que funcionam como "estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes". Ou seja, o *habitus* é, ao mesmo tempo, produto das condições sociais que o geraram e princípio gerador de novas práticas, percepções e julgamentos. É o conceito mais amplo dos três, e os outros dois (*hexis* e capital físico) podem ser entendidos como manifestações específicas dele aplicadas ao corpo (WACQUANT, 2002; BOURDIEU, 2009).

O conceito de *hexis* corporal³, para Bourdieu, refere-se à dimensão especificamente corporal do *habitus*: postura, gestos, modo de andar, de sentar-se, como o corpo expressa a posição social do indivíduo sem mediação discursiva. O conceito surge na etnografia argelina de Bourdieu (Esboço de uma teoria da prática, 1972), onde ele descreve como o corpo cabila incorpora esquemas de classificação do mundo social (BOURDIEU, 2002).

O eixo conceitual violência simbólica, que articula os conceitos de Bourdieu para compreender a corporeidade, pode ser entendido como o mecanismo pelo qual relações de poder e dominação são impostas e percebidas como legítimas, dispensando o recurso à coerção física direta (BOURDIEU, 2009). Referente ao corpo, ela opera fazendo com que diferenças socialmente produzidas, um determinado jeito de andar, de falar, de se vestir, um tipo corporal valorizado em detrimento de outro, sejam percebidas como expressões naturais de gosto pessoal, talento ou mesmo caráter individual, e não como produtos de condições sociais desiguais de existência (BOURDIEU, 2011), processo de naturalização que é eficaz porque funciona por meio do próprio corpo dos dominados, que incorporam, muitas vezes sem perceber, os esquemas de classificação que os hierarquizam socialmente (BOURDIEU, 2002).

Um indivíduo de classe popular pode, por exemplo, perceber seu próprio corpo ou sua *hexis* corporal como inadequados em determinados contextos sociais, uma entrevista de emprego, um ambiente acadêmico, sem associar esse sentimento de inadequação a uma desigualdade estrutural de acesso a determinados capitais corporais, de modo que a violência simbólica relativa ao corpo contribui para a reprodução das desigualdades sociais sem que isso exija coerção explícita, já que a própria vítima da dominação colabora, ainda que involuntariamente, para sua perpetuação (BOURDIEU, 2009). Enquanto Bourdieu enfatiza o resultado dessa incorporação, Foucault ilumina o processo de como esse processo ocorre (hierarquia, horários, exercícios repetidos).

Nessa esteira, o corpo se torna capital através de um *habitus* incorporado desse da infância. Foucault explica como esse processo acontece: para ele o corpo é objeto de relações de poder, através do disciplinamento por meio de técnicas de vigilância, exercício e normalização, busca-se a docilização para que o corpo se torne produtivo.

Ademais, sobre Foucault, costuma-se dividir sua obra em três fases, sendo a primeira marcadamente epistemológica e reconhecidamente arqueológica, onde o autor buscou desvendar o solo do qual brotam os saberes com forte influência do texto intitulado *As palavras e as coisas* (1966); a segunda, genealógica e política a partir da obra *Vigiar e Punir* (1975), sintetiza a visão do filósofo sobre a íntima relação entre os saberes e os poderes; e a terceira, mais voltada a para a ética, quando Foucault vai propor que cada um faça de sua vida uma obra de arte, por meio de uma profunda reflexão sobre a estética da existência, para textos como a *História da sexualidade*, organizado em três volumes, sendo o primeiro deles, *A vontade do saber* (1976). (GALLO, 2004).

³ Bourdieu não manteve a *hexis* corporal como categoria autônoma e sistemática em sua obra posterior. Depois de cunhado nos textos sobre a Argélia, o termo aparece de forma mais esporádica e vai sendo absorvido pelo conceito mais amplo de *habitus*, do qual passa a ser tratado como uma dimensão ou manifestação, não como um conceito-chave isolado com estatuto teórico próprio. Em *A distinção* (1979), por exemplo, Bourdieu já analisa postura, gestos e relação com o corpo predominantemente sob o vocabulário do *habitus* de classe, sem reativar "hexis" como ferramenta analítica central. Por isso, hoje a *hexis* corporal costuma ser tratada por comentadores como um componente do *habitus* (sua face corporal mais visível), e não como uma categoria paralela e equivalente a ele.

De modo geral, não há um estatuto específico sobre corpo em suas obras, mas o autor se preocupa em analisar e descrever sobre os discursos que falam e as práticas que atuam sobre o corpo como superfície. Trata-se de uma leitura de que há uma dimensão de externalidade de poder que se move e age sobre o corpo. Em outras palavras, alcançar o corpo exige voltar-se para fora e analisar tanto as regras de saber quanto as técnicas de poder que desenham o este sob seus efeitos. (FONSECA, 2015).

Em uma análise pela “genealogia do sujeito”, emerge o entendimento de corpo como um fragmento do espaço ambíguo e irreduzível, que, através de sua individualidade e da experiência recebe o “modo de ser da vida”, a natureza e o tempo da cultura, sendo, dessa forma, um construto social. (FOUCAULT, 1992).

Os saberes sobre o corpo foram constituídos pelo poder no interior das instituições como a médica, a militar, e a escola, e, no intuito de melhor entender a forma de organização, na modernidade, dos mecanismos dessas instituições que “penetraram” os corpos, fez-se necessário a arqueologia das ciências humanas. (SILVA, 2005). Nesse ensejo, suas reflexões sobre corpo e disciplinamento elucidam que este é uma matéria física não inerte, corroborando com a ideia de construção de uma superfície moldável, transformável e a ser remodelada por dispositivos e técnicas disciplinares. Em outras palavras, para Foucault, o corpo é um ente que sofre ações de relações de poder que significam tipos de tecnologias tanto históricas quanto políticas. (MENDES, 2006).

Em que pese as diferenças epistemológicas entre os dois intelectuais, pode-se encontrar um ponto de contato na compreensão da escola como um espaço de legitimação de reprodução das desigualdades sociais, e as análises sobre questões disciplinares na obra foucaultiana pode ser entendida como um dos mecanismos concretos pelos quais o *habitus* se inscreve corporalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

É nessa intersecção que a educação em tempo integral pode se tornar relevante. A ampliação da jornada escolar, estruturada em atividades esportivas e corporais ao currículo, ou além das atividades escolares regulares, amplia as possibilidades de exercitar a disciplina do corpo (na perspectiva foucaultiana) e, simultaneamente, de acúmulo de capital físico (no sentido bourdieusiano), especialmente para os estudantes das classes populares, que historicamente têm menor acesso a espaços extraescolares de prática esportiva sistemática.

Algumas pesquisas, como Janowski (2016), em dissertação sobre cultura corporal na escola, discute como as práticas corporais escolares podem se converter em capital corporal dentro do campo esportivo; Torres (2018), em trabalho sobre capital corporal e desigualdade social na escola, mostra como competências corporais adquiridas precocemente podem ser rentáveis social e economicamente para o estudante.

É nessa fronteira sutil que a educação integral se insere, bem como é nesse contexto reflexivo que se apresenta essa proposta. Algo entre o risco de intensificar o disciplinamento dos corpos seguindo padrões hierarquizados ou pode ser também o espaço onde estudantes de classes populares acumulam capital físico antes restrito às elites, se inscrevendo nos debates sobre um “novo capital”, como campo de reflexão crítica sobre o corpo, e não apenas como mero treinamento de aptidões.

REFERÊNCIAS:

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Oeiras: Celta, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk; São Paulo: Edusp, 2011.

FONSECA, A.C.M. Poder e Corpo em Foucault: qual corpo? **Revista do Programa de Pós-Graduação em Direito da UFC**. v. 35.1, jan./jun. 2015. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21678/1/2015_art_acmfonseca.pdf. Acesso em: 27 jun. 2026.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 35ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

GALLO, S. Repensar a educação: Foucault. **Educação e Realidade**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 79-97. jan./jun. 2004. Disponível em: [file:///C:/Users/fabia/Downloads/edsondeoliveira,+25420-96641-1-CE%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/fabia/Downloads/edsondeoliveira,+25420-96641-1-CE%20(2).pdf). Acesso em: 26 jun. 2026.

GUTIÉRREZ, Alicia B. **Las prácticas sociales**: una introducción a Pierre Bourdieu. Córdoba: Ferreyra Editor, 2005.

JANOWSKI, D. A. **As práticas de cultura corporal na escola: entre os significados e a obtenção do capital corporal na disciplina de Educação Física**. Dissertação (Mestrado) — UFPR, Curitiba, 2016.

MENDES, C.L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas. Florianópolis**, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, abril de 2006. Disponível em: <anabriza,+O+corpo+em+Foucault.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2026.

MENEZES, E.M. SILVA, E.L. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. — 4. ed. ver. atual. - Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, A.M. **Corpo**. In: FENSTERSEIFER, P. E; GONZÁLEZ, F.J. (org.) **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

TORRES, Ester Geraldo Campelo. **Capital Corporal e Desigualdade Social na Escola**. TCC (Faculdade de Educação Física) — UnB, Brasília, 2018.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.